
METAMORFOSES DA DONZELA-GUERREIRA

Walnice Nogueira Galvão

Profª. Titular da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo

Desde a aurora dos tempos, a donzela-guerreira transgrediu simultaneamente, e no mínimo, duas fronteiras. A primeira delas entre os gêneros, ao colocar-se a cavaleiro do masculino e do feminino; a segunda, entre os estatutos do real e do imaginário.

Perfil da heroína

Se tomarmos como ponto de partida a mais arrematada donzela-guerreira de nossa literatura – Diadorim de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa –, montaremos um paradigma de traços constitutivos para identificar outras personagens de mesma estirpe. Adotando trajés de homem; cortando rente o cabelo, de preferência com tesoura de prata; banhando-se sozinha, no escuro da noite; usando colete apertado, para disfarçar os seios; criada pelo pai por ser órfã de mãe; ocupando na fratria a posição de filha única ou mais velha; submetendo-se a voto de castidade; destacando-se pelo destemor e pela belicosidade; ao fim, abandonando a indumentária masculina e as lides de combate para casar-se, ou então morrendo: certamente, estamos diante de uma donzela-guerreira.

Dois pontos são indecidíveis no exame do arquétipo literário: se ocorre por autoctonia ou por difusão, e se, além de literário, é também histórico. E isso porque o arquétipo visita tempos e espaços, sem que se possa precisar se nasceu ali ou chegou por empréstimo. E, quando pensamos ter resolvido a questão, pondo-a à conta da literatura, surgem documentos que comprovam uma existência histórica.

Na aurora dos tempos

A presença da donzela-guerreira se faz sentir logo de saída nos textos que são fundadores da tradição ocidental. Na Grécia, computam-se numerosos mitos de mulheres que se recusam a casar, preferem a prática de esportes e se vestem de homem. As amazonas povoaram a imaginação grega, além de migrarem mais tarde para nosso país, dando nome a um estado e ao maior rio do mundo. Atalanta, exímia caçadora e atleta, é mais um desses casos, embora o mais prodigioso seja o da deusa Palas Atena, padroeira da pólis, que nasceu da cabeça de seu pai, o deus supremo Zeus, envergando armadura, empunhando lança e escudo. Já havia uma no Olimpo, portanto, com todo o seu prestígio de divindade e de criadora da civilização urbana.

A *Ilíada* e a *Odisseia* contam várias dessas histórias. Depois, em Roma, a Eneida poria em cena Camila, general comandando esquadrões de Volscos que pelejaram para deter a invasão liderada por Enéias, perecendo de armas em punho à frente de um destacamento de virgens.

O que se passa na Bíblia é um tanto diferente. Trata-se ali, no Velho Testamento, de tribos nômades, que viviam em tendas, pastoreando ovelhas, e que só tardiamente se assentaram. Tais circunstâncias abriram extraordinárias oportunidades para mulheres dotadas de autonomia. Na fase histórica em que, anteriormente ao aparecimento da monarquia, o cargo mais alto naquela sociedade era o de juiz, constatam-se várias mulheres juízas. Entre apenas onze desses magistrados militares e civis que a Bíblia consigna, figura uma mulher, Débora, que compôs peãs e conduziu exércitos à vitória. Outras são mulheres belicosas que atraíam a suas tendas o general-em-chefe das hostes inimigas, a quem seduziam e justificavam, garantindo a seu povo o triunfo. Foi o destino que Judite deu a Holofernes, no livro bíblico que leva seu nome, e Jael a Sísara, conforme celebra (“Bendita sejas tu entre as mulheres, Jael”) o cântico de Débora integrante de outro livro, o de Juízes.

Percurso no tempo

Quando, no fim da Idade Média, a novela de cavalaria se torna o gênero predominante, assinala-se uma profusão de donzelas-guerreiras, as quais, elas também, almejam tornar-se um cavaleiro

andante. Spenser, em *The faerie queene*, chama a sua de errant damzel. Mas é igualmente por esses tempos que irrompe a fisionomia de Joana d’Arc, até hoje dentre as mais celebradas, mobilizando o imaginário de várias épocas e percorrendo uma carreira fora do comum. Além de liderar coortes de compatriotas franceses para confrontar as forças inglesas, seria queimada na fogueira como bruxa, para depois vir a ser canonizada como santa.

No período do Renascimento, não só várias mulheres participavam de expedições militares como até era considerado de bom-tom fantasiar-se de donzela-guerreira. À obra de Shakespeare comparecem heroínas travestidas, como Rosalinda, em *Como lhes aprouver (As you like it)*. À época, havia um picante agregado: no teatro elisabetano todos os atores, invariavelmente, eram do sexo masculino, pois o outro sexo não tinha acesso ao palco, como aliás se passa ainda hoje no *Nô* e no *Kabuki* japoneses, bem como na Ópera chinesa. O que se via no teatro de Shakespeare, portanto, era algo bastante complexo: homens vestidos de mulheres que se vestiam de homem. Aqui pelo Brasil-colônia se procedia de modo similar, e os viajantes assistiram e registraram espetáculos nos quais os atores que encarnavam papéis femininos eram homens.

Durante a vigência do Romantismo, que se dedicou a uma redescoberta do bardo inglês, valorizado sobretudo por sua atenção às paixões da alma, ressurgem mulheres vestidas de homem. Beethoven colocou uma na ópera *Fidelio*, sob cujo perfil se esconde a esposa

de Florestan. Mais tarde, observa-se um fenômeno bizarro, que se poderia denominar 'a vingança de Sarah Bernhardt'. Ciosa das belas pernas e do perfil andrógino, divergente da silhueta de ampulheta predominante na Belle Époque, a atriz francesa manifestava preferência por protagonistas masculinos. Um de seus maiores sucessos, reencenado vezes sem conta, foi Hamlet; outro, o papel-título de L'Aiglon, de Sardou.

Literatura e História

Quando nos voltamos para a história e literatura brasileiras, notamos a presença de várias donzelas-guerreiras, completas ou apenas esboçadas. Cangaceiras, mandonas, bandidas, aventureiras, soldados nas guerras da Independência ou do Paraguai, personagens da poesia popular e do romance de cordel, elas vão desde Dona Damiana, a Escopeteira, em Lourenço, de Franklin Távora, até a caricatura que Alencar fez de Dona Severa, em Guerra dos Mascates.

Se deixarmos a literatura de lado e formos verificar o que a história nos diz, comprovaremos a existência de donzelas-guerreiras por toda parte. Se elas estão nos mitos, como o das amazonas, também estão documentadas – na Índia, na Rússia, na Inglaterra, no Vietnã, na Tchecoslováquia, na China ou na Grécia moderna, onde Bubulina, no século XIX, tornou-se uma heroína das campanhas contra o invasor turco. É tão freqüente a presença delas, associada ao nascimento ou à defesa da nacionalidade, que faz pensar no valor

simbólico do sangue vertido ritualmente nas fundações de uma cidade ou de uma casa, e se, nesse caso, o sangue não seria o de uma virgem.

Questão de método

Para escapar da crença na transmissão literária, ou do perigo de restringir-se apenas a um fenômeno de difusão de um mesmo mito a partir de um único foco de origem, vejamos um exemplo em que a genealogia é comprovável. É o que se dá com a Balada de Mu-lan, que os portugueses poderiam ter trazido da China, gerando toda uma saga de poemas de Dom Varão ou Barão ("Ai minha mãe/ Os olhos de Dom Barão / São de mulher, de homem não"), que passariam da metrópole para o Brasil, onde, entre outros, Sílvio Romero os estudaria.

Mas nem sempre é assim e, para tanto, seria salutar proceder a indagações em culturas ágrafas, talvez mais próximas de nós e de Diadorim. É verdade que esta mantém a ambigüidade, pois tanto poderia ser fruto da tradição oral quanto da transmissão literária, já que o próprio Guimarães Rosa anotou, em "Uma estória de amor", de Corpo de baile, uma canção da donzela-guerreira, da qual transcreve alguns versos.

Na festa de Iamaricumá, celebrada ainda hoje no Parque do Xingu, as índias se revestem dos paramentos masculinos e tomam simbolicamente o poder por um dia, ocupando o pátio central da aldeia com sua dança. Vários mitos e ritos, registrados por antropólogos, dão conta desse costume e de

outros similares. Quanto às fontes africanas, provêm de um continente onde o matriarcado se afirma em vários setores da vida social. No candomblé mais ortodoxo, o sacerdócio supremo da mãe-de-santo é exclusivo das mulheres, e só por contaminação do patriarcado da sociedade brasileira é que os homens conseguiram se alçar ao prestígio da posição de pai-de-santo. Aqui, novamente, as coisas se embaralham, e uma figura de nosso folclore, a rainha Jinga, que aparece no Congo ou Congado, vem a ser a reminiscência de uma personagem histórica, a rainha de Angola, N'zinga M'bandi, que levantou seu povo em armas contra os conquistadores portugueses.

Gênero e assimetria

A esta altura, algumas conclusões provisórias podem encaminhar a reflexão. A primeira delas diz respeito à verificação de uma assimetria incontornável que se faz presente em todos esses enredos. Sim, as mulheres sempre quiseram desempenhar papéis masculinos, mas o contrário não é verdadeiro: raramente os homens se prestaram a desempenhar papéis femininos, a não ser numa exceção representada pelo carnaval, e aí é por deboche. Do que fala uma tal assimetria? Fala que o feminino jamais deixou de ser relegado a uma esfera inferior: basta pensar que o trunfo em disputa é o poder, de que os homens detêm o monopólio. Ainda mais: que as mulheres ou recalçaram, ou reprimiram, ou dissentiram, ou se ressentiram, mas não se resignaram. Tanto é que nunca deixaram de transgredir,

tanto na ordem do histórico quanto do imaginário, os limites que lhes impuseram.

A assimetria também nos ajuda a raciocinar *ab contrario*. No caso da donzela-guerreira, que segue os passos do pai, a mãe foi eliminada. Torna-se necessária a verificação de quais são as instâncias – os mitos, as histórias, a iconografia – em que o contrário ocorre, ou seja, uma relação entre filho e mãe em que o pai foi excluído. Conhecidíssimo, quase um clichê, o arquétipo da *Pietà* ou da *Mater Dolorosa* domina as imaginações e preside a religiões. Ninguém ignora o par formado por Jesus Cristo e a Virgem Maria, ou seus correlatos em vários outros credos e sistemas. Já o par de que aqui tratamos, constituído por filha e pai, mais uma vez enfatizando a assimetria que reina nas paragens dos gêneros, permaneceu obscurecido.

A contraposição entre as duas díades elucida alguns tópicos. Quando Freud diagnosticou a inveja do pênis, para sempre condenando as mulheres à posição de seres mutilados e aspirando à completude, efetuou uma notável descoberta. É até de estranhar que não lhe tenha ocorrido, apesar de sua acuidade e perspicácia, a existência de outros motivos de inveja provocados pela assimetria entre os gêneros: a só um deles cabe a gestação de novas vidas. E, em matéria de poder, o que pode ser maior do que esse? A tal ponto que, se quisermos, podemos ver na noção freudiana uma inversão do princípio de inveja da gestação.

Examinando dois mitos

fundadores – para fins de análise, apenas dois, mesmo que os exemplos se multipliquem –, notamos um traço renitente. Naquele acima mencionado, do nascimento de Palas Atena diretamente da cabeça de Zeus, um elemento fica faltando, ou seja, a mãe. Um homem dá à luz sem intervenção feminina – o que deve ser corrente nos domínios do imaginário, tal a frequência com que vêm à tona. Na própria religião cristã, vê-se que Jeová também criou Adão sem intervenção feminina, ou seja, sem mãe. Trata-se, como se vê, da concretização mítica de uma fantasia masculina de maternidade.

Lição *versus* desejo

Filha da fantasia de maternidade do pai, transparece na donzela-guerreira

uma contradição severa entre lição e desejo. Lévi-Strauss mostrou que todo mito encerra uma lição, e essa lição é conservadora. O fato de que a donzela-guerreira esteja submetida alternativamente a apenas dois destinos – ou casar e ter filhos, deixando de ser donzela-guerreira, ou então morrer – mostra que a lição, além de conservadora, é uma ameaça: ou se enquadra, ou morre, seja essa morte real ou simbólica.

Mas os mitos, de modo similar, sugerem que a transgressão é inovadora e criativa, e se Prometeu não furtasse o fogo aos deuses, não haveria civilização. À lição – com sua ameaça – contida nos mitos da donzela-guerreira se contrapõe o desejo, que repetidas vezes desafia o interdito na demanda de um destino maior, embora negado a seu gênero.

